

Olhou em volta e não conseguiu distingui-la na súbita mancha de rostos. Acabou por fixar uma mulher encostada a uma coluna, já a conhecia de outras tardes, era uma dessas mulheres belas que não têm muita consciência disso, ou que pelo menos não se deixam paralisar pela admiração, e que de repente percebem que também para elas o tempo passou e decidem cuidar de um corpo que sempre foi elegante com qualquer saia comprada na Feira de Carcavelos. Mulheres que se sabem olhadas sem que precisem de o confirmar, praticam apenas um ligeiro desvio, um gesto ou uma cor improváveis, neste caso era o seu modo de não estar ali, imprimindo aos lábios um sorriso e alheando-se das conversas em volta.

O mais estranho é que o sorriso, sem dúvida irônico, pareceu deter-se nele e, como há já algum tempo que não sentia sobre si o olhar intencional de uma desconhecida, Miguel passou a mão pelo cabelo para ver se não tinha nenhuma folha caída das tílias que ladeavam a entrada.

Também ela hesitava em sair para a rua naquele início de Primavera em que os transeuntes caminhavam desconcertados pelo sol que por fim brilhava entre as nuvens.

Amélia devia ter ficado outra vez a conversar com o professor, pensou. Então alguém lhe segurou a mão, a primeira reacção foi a de a retirar, mas era ela, os cabelos húmidos do duche, a gola da blusa dobrada ao peso do saco. «Para onde é que olhavas?», perguntou, como se já ali estivesse há algum tempo.

Naquele momento imaginava que poderia muito bem sair com qualquer uma daquelas mulheres, até com aquele falso mistério encostado à coluna, «então já viu o último Almodovar?» não podia vir mais a propósito, havia uma mulher que dançava e toda a gente gostava dos filmes dele, e irritou-se, tinha a sensação de que Amélia se ocultara para o observar, «estava a ver que nunca mais vi-nhas!», disse, e ela beijou-o ao de leve como se não tivesse ouvido.

Enquanto atravessavam o corredor, prometeu a si mesmo que da próxima vez que a viesse buscar chegaria um quarto de hora mais cedo e se sentaria no bar ao lado de outros homens que esperavam sorvendo um daqueles sumos naturais que transformavam os copos em cilindros *benetton*, daí poderia localizá-la no ginásio através das vidraças vendo-a mover-se ao som da música inaudível com uma docilidade que lhe desconhecia, e depois era só esperar que reaparecesse na escada, desse modo evitaria a impressão de um rompante de corpos semelhantes, ainda esbeltos e já ameaçados, corpos na linha de sombra, muitas daquelas mulheres haviam-se vestido de bailarinas nos sonhos da infância e ali estavam depois de darem aulas no Técnico ou saindo à pressa dos empregos no Saldanha ou no Ministério da Educação, conhecendo o desencanto mas sem lhe aceitar ainda o significado, procurando na ginástica uma revogação e obtendo uma pausa, uma elegância cada vez mais forçada e indistinta.

«Final vou à exposição do Degas na Gulbenkian», disse Amélia já no passeio.

Ele ia encaminhar-se em direcção ao Bairro do Arco do Cego onde estacionara o carro. Apetecia-lhe beber alguma coisa ali perto e ir para casa, tinha de acabar um projecto e contava com a Amélia para o ajudar, mas isso não era uma alternativa credível para os Degas ali ao alcance de um passeio.

— Vens?

— Sim — disse Miguel.

Nesse instante uma cabeleira ruiva, dois pacotes de *hené* bem aproveitados, saiu da janela de um *Land Rover* e gritou a Amélia «até sexta», como se quisesse assegurar-se de que a próxima semana seria igual àquela.

A colecção pertencia à Air France e no final Amélia ficou a ver um vídeo sobre a vida de Degas numa sala escura e quase vazia.

— Espero-te no lago — disse Miguel.

Ao atravessar o palco do anfiteatro ao ar livre sentiu-se exposto aos olhares dos casais que nas bancadas namoravam sem convicção. Sentou-se à beira das águas que ondulavam até aos canaviais e dois patos-bravos voaram com estrépito para os telhados do edifício principal.

Passado algum tempo, voltou-se para a saída do Museu de Arte Moderna, pois queria saber que impressão Amélia lhe causaria quando a visse de súbito ou se alguma coisa lhe diria que era ela antes mesmo de a fixar.

Na semana anterior tinham ido à praia da Adraga e ele demorara-se num passeio pelo areal observando as gaivotas que disputavam os despojos do dia. Quando chegou ao restaurante em que Amélia o esperava, tendo certamente já pedido os jantares, pois sabia o que ele queria, ou não fosse

essa uma das mais seguras vantagens de uma vida em comum, e talvez por levar ainda nos olhos o fulgor das ondas, caminhou até ao fundo da sala e foi ao chegar junto da porta dos lavabos que se apercebeu de que devia ter passado por ela. Não havia sequer muita gente, apenas os habituais grupos que festejavam sabe-se lá o quê e casais junto da janela e o empregado que os conhecia fez-lhe um gesto ao vir da cozinha, um aceno com a cabeça pois as mãos seguravam uma travessa e ele, voltando-se, avistou Amélia isolada na mesa que ficava diante da entrada, parecia incrível não ter dado pela sua presença, e ela riu-se atribuindo o que se passara a uma brincadeira, um desses jogos que entre eles se iam tornando mais raros e pareceu-lhe ver alívio nos seus olhos, como se por instantes tivesse admitido que Miguel realmente não a vira, só depois decidindo que não era possível. «Pedi peixe para os dois», disse, e a frase acabou de a tranquilizar.

Não estariam as suspeitas que nos últimos meses sentia a tornar-se a única prova de que ainda gostava dela? Ou pior ainda, um meio de continuar a gostar dela? perguntou-se, quando um homem de camisola de gola alta em que logo reconheceu o professor de ginástica desceu pela outra margem do lago. Também ele vinha certamente ver as «Danseuses» de Degas e, como Amélia dizia, ali estava alguém que não corria o risco de ficar com um corpo de homem português, peito largo e barriga saliente, subia em passo firme os degraus cravados como dentes de cimento no verde da relva, e uma rã saltou à passagem do *setter* vermelho-escuro que corria chapinhando no rebordo das águas e que Miguel relacionou com o professor que desaparecera atrás do edifício, alguma coisa unia os seus trajectos e pouco depois o cão passou em sentido contrário com o focinho roçando os junco e os longos pêlos a escorrerem lodo.

Ou talvez o que se passava fosse natural, a aceitação de que após alguns anos de vida em comum muitas das particularidades de uma mulher se esbatem, como as casas que a passagem do tempo converte aos mesmos tons, podia ser o sentido de humor, o riso ou as recordações, ficava apenas a sensação de um impulso que nos foi abandonando, todo o amor acaba por se confundir com a ausência de qualquer coisa. Por culpa de quem?

Mas como era possível que aquilo lhe estivesse a acontecer?

Tivera, desde que se lembrava, uma visão idealizada das mulheres, tudo começando na veia azul que atravessava a face da mãe, e essa tendência só podia acentuar-se numa cidade como Braga no início dos anos 70.

Havia o Liceu Sá de Miranda onde, na varanda, a directora desfazia os pares que chegavam ao portão e logo depois a escadaria dividia os sexos num ritual repetido duas vezes ao dia, à direita as raparigas, menos numerosas, que se avistavam depois no pátio fazendo ginástica com blusas e saias brancas, em frente seguiam os rapazes, mais ruidosos, e ele gostava sobretudo das aulas de Filosofia com uma professora que parecia ter acabado de chegar da Grécia Antiga.

À tarde, na Baixa, as raparigas passavam ignorando os olhares vindos do Arcádia, maior disciplina só as negras manchas de seminaristas que desciam a Rua Sta. Margarida, e quando se queria namorar a sério era preciso subir até ao Bom Jesus, ia-se de eléctrico, a certas horas sem mais ninguém além do cobrador estirado num dos bancos de trás, depois esperava-se na plataforma que o elevador descarregasse a água que o fizera descer, era altura de começar a saber até onde se poderia avançar, de qualquer modo ali ainda havia o empregado ao *guichet*, só mais tarde, num recanto sob as árvores, se saberia qual a in-